

Programa de Rádio Serelepe: a participação de crianças na produção radiofônica

Comunicação

Alexandre Pereira de Paulo
Universidade Federal de Minas Gerais – Escola de Música
ifatuus@gmail.com

Marta Alves da Silva de Paulo
Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Educação
marta.s.depaulo@gmail.com

Angelita Broock
Universidade Federal de Minas Gerais – Escola de Música
angelitabroock@ufmg.br

Jussara Fernandino
Universidade Federal de Minas Gerais – Escola de Música
jussarafernandino@ufmg.br

Resumo: Este trabalho trata-se de um relato de experiência em projeto de extensão abordando a criação, ensaios e gravações de programas radiofônicos, especificamente para o Programa de Rádio Serelepe: música para infância e aborda a participação ativa de duas crianças nesse processo. Seu objetivo é refletir a escuta e o protagonismo infantil e, por conseguinte, a infância, tomando como ponto de partida e amparo teórico - nos campos dos Estudos da Infância - os autores; Sarmento (2007), Beineke (2008), Gouveia (2008), Corsaro (2011), Carvalho; Sobreira (2020) e Madalozzo (2021). A reflexão em torno do processo relatado trouxe, como resultado, questões referentes ao processo de aproximação, familiarização e gradativo engajamento por parte das crianças na produção de alguns programas, evidenciando os seguintes aspectos: o senso estético infantil, a autonomia de criação e as manifestações culturais do universo das crianças.

Palavras-chave: Protagonismo infantil; Elaboração e gravação de programas de rádio; Programa de Rádio Serelepe.

Introdução

O projeto de extensão Programa de Rádio Serelepe: música para infância é desenvolvido pela Escola de Música da UFMG, vinculado à disciplina¹ homônima, dentro do curso de licenciatura. O projeto tem foco no público infantil, sendo suas produções veiculadas

¹Esta disciplina é ofertada no segundo semestre de cada ano, como optativa do curso de Música Licenciatura.

dentro da programação da Rádio UFMG Educativa (104.5 FM) e por meio da internet². Sua programação oferece músicas que extrapolam as produções infantis orientadas pela indústria cultural, desfazendo a ideia de que a produção musical direcionada às crianças deve ser simples e pouco diversa (Ilari, 2009). Seu acervo possui produções de grupos musicais brasileiros e latino-americanos voltados para a infância.

O projeto, que se iniciou simultaneamente à criação da Rádio UFMG em 2005, está entre os poucos que nunca saíram do ar desde sua criação e é um dos poucos programas de rádio destinados ao público infantil no Brasil. Atualmente o programa possui duração de trinta minutos e vai ao ar aos sábados e domingos às 9:00 da manhã. Os programas são elaborados pelos estudantes da disciplina acima citada e em sua estrutura podem conter músicas, histórias, brincadeiras, curiosidades e informações culturais (Lima, 2016).

A disciplina é estruturada em cinco momentos. As primeiras aulas são discussões teóricas a respeito do projeto e aspectos relacionados à educação musical, ao conceito de infância e a relação criança e mídias. Em seguida, são desenvolvidas algumas práticas com técnicas de expressão vocal, além da visita técnica ao estúdio da rádio e contato com o acervo musical do programa. Posteriormente é dedicado um tempo à elaboração dos roteiros dos programas e criação das vinhetas de abertura e de encerramento dos programas. Na quarta etapa são feitos ensaios dos roteiros em sala e no estúdio, então, gravadas as versões definitivas. Finalmente, a edição dos programas é realizada pelo técnico da rádio acompanhada pelos estudantes e professores.

O presente trabalho traz o relato de experiência no projeto e na disciplina fazendo um recorte da participação de duas crianças na elaboração e gravação de alguns programas da edição 2022, discutindo o protagonismo infantil e, por conseguinte, tecendo reflexões sobre a infância. Para tanto, está dividido da seguinte forma: a primeira parte traz alguns apontamentos sobre protagonismo infantil; seguido da descrição e análise da participação das crianças no processo de produção dos programas, a criação de dois roteiros pelos meninos e; finalizado com as considerações finais dos autores.

² ufmg.br/radio

Figura 1 - Turma 2022/2³



Fonte: acervo do projeto

Protagonismo infantil

Historicamente, houve uma construção conceitual concebida pelo adulto, na qual a criança era considerada como um “ser em devir”, o que proporcionou invisibilidade e silenciamento dos sujeitos da infância (Sarmiento, 2007). Contudo, as pesquisas realizadas nas últimas décadas – no campo Estudos sobre a Infância – sinalizam que as crianças afetam e são afetadas por eventos e transformações sociais, destacando o modo como elas contribuem ativamente com a sociedade e, juntamente com os adultos e com seus pares, têm participação complementar no sistema social. As crianças se apropriam criativamente das informações do mundo adulto para produzir sua própria cultura a fim de responder às questões de seu mundo, realizando ajustes às regras já estabelecidas (Beineke, 2008; Corsaro, 2011).

Também há de se considerar, para além da interação com os adultos, a grande variedade de contextos histórico-culturais que as crianças estão inseridas. Assim, é necessário pensar em infâncias, no plural. Desta forma, falamos de um “ser criança” que age sobre o mundo de modos diferentes, tendo seu desenvolvimento psíquico, cognitivo, afetivo e social constituído de modo diverso e não linear (Gouveia, 2008).

³ Tivemos a autorização das crianças e dos pais para divulgação dos nomes e das fotos neste trabalho.

Por fim, estabelecendo um paralelo com a discussão sobre a centralidade do estudante em seu processo de aprendizagem, entendemos o protagonismo infantil como o ato de retirar as crianças de um lugar passivo e colocá-las em um lugar central, considerando o que elas sabem, pensam e escolhem (Freire, 1987). Portanto, percebe-se que o protagonismo infantil, dentre outras coisas, diz respeito tanto ao novo olhar sobre a infância quanto a colocar o adulto em lugar de “ouvinte”, considerando que as crianças estão “produzindo cultura” e, ao mesmo tempo, falando de si. Nesse sentido, o presente trabalho busca relacionar os aspectos desse ambiente conceitual à participação das crianças na produção dos programas radiofônicos, como será explanado a seguir.

A participação das crianças no processo de produção dos programas

A presença do Eduardo (10 anos) e do Samuel (7 anos) se deu devido ao fato de eles acompanharem seus pais durante as aulas da disciplina Programa de Rádio Serelepe: música para infância⁴. Com isso, eles frequentavam o mesmo ambiente das professoras, estudantes e funcionários da rádio. Ao observar a participação dos meninos no processo de produção dos programas percebemos uma integração gradual e espontânea.

Durante as primeiras aulas, as crianças aparentemente não demonstraram interesse em participar das atividades [pois se tratavam das aulas teóricas], ficavam envolvidos em seu universo, brincando, lendo revistas em quadrinhos, utilizando algum aparelho eletrônico ou fazendo atividades escolares. Contudo estavam atentos a tudo que estava acontecendo à sua volta, e, como diz Schafer (1991, p. 288), “os ouvidos de uma pessoa verdadeiramente sensível estão sempre abertos. Não existem pálpebras nos ouvidos”

À medida que as aulas se tornaram mais práticas, esta convivência fez surgir nos dois o interesse pelas produções dos programas. A primeira participação deles se deu de forma coletiva durante o laboratório para a criação das vinhetas. As vinhetas de abertura e encerramento do programa foram constituídas pelas vozes de todos os participantes da disciplina e, as vinhetas de entrada e saída do intervalo foram compostas exclusivamente pelas vozes dos meninos.

⁴ Em função disso, toda sua participação foi aprovada pelos pais, incluindo a publicação das fotos, dos programas e a publicação do presente trabalho.

O acolhimento oferecido pelos estudantes da disciplina e pelas professoras ao Eduardo e ao Samuel foi relevante para a produção desses trabalhos. Ao dar voz à essa dupla em produções que tem como foco o público infantil, criou-se a possibilidade de um trabalho inédito no projeto, uma vez que, por envolver um curso de graduação, nunca houve, anteriormente, a participação de crianças na elaboração dos programas. Além disso, gerou uma oportunidade de reflexões sobre questões ligadas ao cotidiano musical das crianças.

Mediante à essa abertura, os dois se integraram às dinâmicas propostas aos estudantes em sala. Participaram de exercícios que auxiliam no desenvolvimento da sua expressividade vocal, corporal e musical. Também interagiram em atividades em grupo, às vezes, optando por ficar em grupos diferentes dos seus pais.

No desenvolver da disciplina os graduandos apresentaram os esboços de seus roteiros e começaram a praticar técnicas de locução. Os meninos também se interessaram por essa etapa da produção dos programas e começaram a participar dos ensaios das locuções, indicaram temas e sugeriram alterações em suas falas, com o intuito de expressar melhor suas ideias. Neste momento evidenciou-se a sua apropriação criativa de informações por parte das crianças evidenciando a produção de sua própria cultura, tornando-a significativa à sua perspectiva, através de ajustes dos elementos disponíveis (Corsaro, 2011).

As crianças passaram a ser o “termômetro” para o enredo proposto nos roteiros. Os estudantes da disciplina apresentavam suas ideias e tinham a possibilidade de analisar a reação dos meninos diante da história. Diante destas, tinha-se ideia sobre o caminho a seguir na trama. O crivo das crianças muitas vezes alterou os rumos dos roteiros, e nada mais justo, considerando que elas possuem um modo de significação próprio, que é inacessível a nós adultos, mas com elementos que provém em parte do mundo adulto e são ressignificados (Madalozzo, 2021).

Por conseguinte, as crianças ampliaram sua participação, ao passo que, eles deixaram apenas de expressar sua opinião sobre os roteiros e se engajaram em outras etapas, tais como, aquelas desenvolvidas no estúdio, realizando locuções nas gravações dos programas. O desenvolvimento delas durante o semestre demonstrou um amadurecimento criativo e interpretativo, criando também, uma relação de intimidade com as locuções. Por exemplo, o Samuel ao finalizar sua primeira gravação, relatou sentir as pernas tremendo o tempo todo, pois estava muito nervoso. Contudo, à medida que realizou outras locuções, foi possível perceber a ampliação de suas habilidades e, conseqüentemente, uma emergente naturalidade.

Durante a sua última gravação, ele já demonstrava desenvoltura ao interpretar os personagens chegando, em um mesmo roteiro, a gravar até três vozes diferentes.

Figura 2: Eduardo e Samuel no estúdio.



Fonte: Acervo do Projeto

Um episódio interessante ocorreu após a gravação do programa intitulado “Meu brinquedo preferido”, de autoria de Alexandre De Paulo e Marta De Paulo. O técnico de gravação da Rádio ficou impressionado quando Samuel se aproximou e disse: “Quando eu errei, dei um tempo antes de recomeçar a falar para você poder cortar o trecho errado”, se referindo ao processo de edição. Essa fala chamou atenção, pois essa orientação havia sido transmitida aos estudantes algumas aulas antes do início das gravações, e como o Samuel estava atento, assimilou a informação e a colocou em prática.

Já o Eduardo sempre se apresentou muito comunicativo, transparecendo estar muito à vontade no ambiente do estúdio. Sua primeira gravação foi “conquistada” no último momento; inicialmente a locução deste programa seria feita pelos estudantes da disciplina. Contudo, eles precisavam ensaiar suas falas e o terceiro integrante estava no estúdio gravando outro programa. Diante dessa situação, foi solicitado ao Eduardo que ensaiasse o roteiro com os outros dois. Sua interpretação, porém, se destacou tanto que ele assumiu a gravação desse programa definitivamente. A partir desse episódio, Eduardo foi convidado por outros

estudantes a participar da gravação de mais dois programas, “A vida na Roça” de autoria de Ana Caroline e Karina Vitória e “Bom dia” de autoria de Alexandre De Paulo e Marta De Paulo. Nos exemplos acima percebeu-se novamente o protagonismo infantil ao colocar o adulto em lugar de “ouvinte”, e as crianças em um lugar central, considerando o que elas sabem, pensam e escolhem (Freire, 1987).

A escolha de músicas pelas crianças

Até então, foi apresentado como se deu o envolvimento do Eduardo e do Samuel com a produção dos programas de rádio. Com o decorrer do semestre esse envolvimento tomou proporções maiores, eles também se propuseram a redigir suas próprias falas e a selecionar músicas para o programa.

O programa intitulado “Dudu e Samuca apresentam”, de autoria de Alexandre De Paulo, do Eduardo e do Samuel, trouxe o modo de enxergar o mundo das crianças para um lugar de protagonismo. No roteiro foram elaboradas algumas perguntas e direcionadas aos meninos, e, em suas respostas, foi possível identificar a personalidade de cada um, suas projeções para o futuro e entender um pouco do universo musical no qual eles estavam inseridos, em consequência, os motivos que os levaram a escolher tais músicas.

O processo de seleção musical realizado por eles para esse programa, trouxe um repertório diverso que evidenciou a capacidade de refletir sobre suas próprias escolhas. Eles justificaram essa seleção através da interpretação da letra das canções, da afetividade evocada pelas músicas e, em alguns casos, realizaram reflexões sobre as faixas. Diante das respostas das crianças, percebemos como a experiência de vida, o pensamento lúdico, a interpretação de mundo e a personalidade de cada um deles influenciou na formação do seu repertório musical, demonstrando como as crianças afetam, e são afetadas⁵ por eventos e transformações sociais e contribuem ativamente com a sociedade (Beineke, 2008).

A diferença de idade entre eles é de três anos e, mesmo sendo irmãos, demonstram gostos e saberes diversos, às vezes, divergentes. Para além da interação com os adultos, a grande variedade de contextos histórico-culturais que as crianças estão inseridas nos levam a pensar em infâncias, no plural, onde as crianças agem sobre o mundo de modos diferentes,

⁵ Afetam, considerando que dentre as músicas selecionadas pelas crianças temos produções criadas com foco no público infantil. E são afetadas considerando que dentre as músicas selecionadas pelas crianças temos produções criadas com foco não necessariamente no público infantil.

devendo ser considerada a diversidade em seu desenvolvimento psíquico, cognitivo, afetivo e social (Gouveia, 2008). Diante dessas considerações, surgiram questões complexas sobre como criar uma programação cujo conteúdo contemple essa variedade de personalidades, culturas e faixas etárias.

Algumas reflexões podem ser retiradas da seleção das músicas realizada pelos meninos e das suas falas, que proporcionaram um rompimento, por meio de evidências, de pensamentos equivocados pertencentes ao senso comum a respeito do universo musical infantil. Por exemplo, a crença de que a criança não tem senso estético para música. Caso essa hipótese fosse verdadeira, o que levaria a escolha do referido repertório pelos meninos, com determinadas características e intencionalidades, e não outro? Em sua fala, Beatriz Ilari discursa sobre o senso estético das crianças e mostra que ele se desenvolve desde cedo:

Desde a mais tenra idade, as crianças já exibem preferências, por pessoas, comidas, histórias, brinquedos, e, por que não, por músicas! É isso mesmo. Quem nunca ouviu o filho pequeno pedir para o pai ou a mãe cantarem uma determinada canção? Ou pedir para pular uma faixa do CD, que eles não gostam, durante uma viagem de carro? (Ilari, 2009, p. 115).

E foi o senso estético que ocasionou a escolha das músicas dentro do repertório ao qual os meninos estavam familiarizados. Por outro lado, não podemos restringir os motivos dessas escolhas musicais apenas ao senso estético.

No decorrer do roteiro há momentos que o Eduardo e o Samuel justificaram o porquê da sua seleção musical, em suas explicações deixaram transparecer o quanto as experiências de vida, a afetividade, o gosto musical daqueles que os cercam e a internet influenciam na escolha desse repertório. Em suas falas, é perceptível o valor emocional que as faixas possuem, comprovando-se a inexistência do acaso na escolha das músicas para o programa.

Em uma pesquisa realizada por Pereira e Broock (2021), na qual em torno de 115 famílias que possuíam crianças de 0 a 3 anos foram entrevistadas, os resultados constataram o quanto o ambiente familiar influencia na formação do repertório musical da criança.

O processo de aprendizagem musical pode ocorrer de forma intuitiva em ambientes que são sonoros e estimulantes. Isso quer dizer que quanto mais possibilidade de exploração sonora o bebê e a criança tiverem dentro de casa, mais sobre música ele irá aprender (Pereira, Broock, 2021, p. 11).

Ao analisar a seleção musical feita pelos meninos percebe-se o quanto eles provavelmente possuíam estímulos variados, suas escolhas transitam por vários estilos, dentre eles a MPB, o Hard Rock, o Pop internacional, músicas pertencentes ao cancionero popular e produções voltadas ao público infantil. Ao final do programa, ao serem indagados sobre onde conheceram esse repertório, o Eduardo respondeu: “Em vários lugares, foi com meu pai, minha mãe, no teatro”, já o Samuel disse: “Aprendemos na escola, na internet, com os amigos”.

Atrelado às questões acima surgiu outra indagação: qual tipo de música pode ser considerada música infantil?

Música infantil é concebida aqui como aquela que se toca nos lares, nas festas e atividades de lazer e culturais de crianças, nas escolas, na produção cinematográfica, mas também as músicas que as crianças acessam de forma autônoma na internet (Carvalho, Sobreira, 2020, p.6).

Podemos concluir que música infantil é toda expressão musical manifestada pela criança e quanto mais diversos os seus ambientes de convívio maior e mais rico será o seu repertório musical. As faixas selecionadas pelos meninos para esse programa reforçam esse pensamento: Lesse, Grupo Oriundo de Teatro; Leão Banguela, versão do Danilo Benício; Bad, Michael Jackson; Anunciação, Alceu Valença; It's My Life, Bon Jovi; Uptown Funk, Mark Ronson e Bruno Mars; Eu Nasci Há Dez Mil Anos Atrás, Raul Seixas e por fim Lagarta Pintada, Grupo Serelepe.

Os roteiros criados pelas crianças

Como já mencionado, a participação do Eduardo e do Samuel foi gradativamente crescendo e trazendo contribuições à produção dos programas, enriquecendo o trabalho do projeto com seu modo de pensar, perceber e selecionar músicas. A interação com os processos de produção dos programas foi aguçando a criatividade e imaginação dos meninos, fazendo com que eles sentissem a necessidade de criar um programa que tivesse a sua assinatura. Diante disso, cada um propôs um tema e, com a supervisão dos estudantes e das professoras, elaboraram suas próprias histórias.

Eles criaram dois roteiros que serão analisados separadamente, de forma que se possa considerar o ponto de vista, as preferências e as estruturas organizadas por cada uma das crianças. O Eduardo tinha grande interesse em tecnologia, isso o levou a criar um roteiro que

abordasse esse assunto. Como esse tema é muito amplo, foi sugerido a ele escolher um segmento menor dentro de tecnologias e que, ao mesmo tempo, fosse um tema que o agradasse, ele então decidiu abordar o tema jogos eletrônicos. Já o Samuel gostava de dinossauros e pensou em um roteiro com sua narrativa baseada nessa temática.

Roteiro com o tema: Jogos eletrônicos

O primeiro roteiro a ser analisado será o que foi escrito pelo Eduardo, que apresenta o tema Jogos Eletrônicos e trouxe a vivência de uma criança de dez anos, ele possui três locutores dentre eles o próprio Eduardo e o Samuel. Nele foram selecionadas músicas criadas para jogos desde a década de 80 até os dias atuais. Algumas composições são apresentadas em suas versões originais, outras em versões orquestrais, outras versões foram compostas para animações inspiradas nos jogos eletrônicos. Ele também cita o Guitar Hero, um jogo eletrônico cujo objetivo é tocar música, dentro do jogo encontramos várias faixas musicais consideradas clássicos do rock.

Ao propor esse tema, ele colocou em foco um assunto muito recorrente ao universo infantil com o qual muitas crianças se identificam e possuem contato atualmente, também iniciou um processo de elaboração de um roteiro atraente não só às crianças, mas também aos adultos.

As escolhas musicais de seu roteiro trazem algumas faixas que podem ser consideradas atemporais, devido ao fato de até hoje serem produzidas releituras e novos arranjos para estas músicas. Composições tema de jogos como Super Mário, Sonic, Pokémon, criadas há cerca de quarenta anos, são conhecidas até hoje, devido ao relançamento de versões desses games para dispositivos atuais. Outro fator importante que pode contribuir para a atemporalidade das músicas é o lançamento e relançamento de filmes e animações inspirados nesses jogos, que renovam sua relação com o universo infantil, passando-as de geração em geração. Essa conexão entre gerações é relevante para o processo de ampliação do repertório da criança através do trabalho do Programa de Rádio Serelepe, pois incentiva aos adultos sintonizarem na programação da rádio para suas crianças, já que esse material, pode aflorar neles recordações de suas infâncias, despertando memórias afetivas.

A análise desse roteiro dialoga com a ideia de que as crianças se apropriam criativamente das informações do mundo dos adultos e produzem sua própria cultura,

espelhando em suas produções sua visão do mundo e suas regras (Beineke, 2008; Corsaro, 2011).

O roteiro com o tema: Dinossauros

O roteiro criado pelo Samuel para o programa intitulado “Um Papo de Dinossauros”, revelou como a imaginação de uma criança de sete anos permeou todo o processo de criação do enredo, refletindo na forma como o roteiro foi construído e nos diálogos dos personagens, demonstrando como o jogo de faz de conta permite aos objetos ganharem novas aplicabilidades (Madalozzo, 2021). Isso ficou evidenciado logo no início da narração, quando o Samuel afirma que ao chegar da escola seus bichinhos estavam levando o maior papo no seu quarto.

Neste roteiro foi criado um diálogo entre três dinossauros de pelúcia dos quais o Samuel não se separava; Fofinho, Djope e o Rex. O desenrolar da história acontece no universo da imaginação, onde os bonecos de dinossauro adquirem vida e passam a ser os protagonistas da trama. O pensamento fantasioso foi um grande aliado nesse trabalho, destacando-se na contribuição para a performance vocal das crianças. A narração deste programa contou exclusivamente com as vozes do Samuel e do Eduardo⁶, sendo que, além de narrar suas próprias vozes, eles também interpretaram as vozes dos dinossauros, ficando o Samuel com as falas do Fofinho e do Rex e o Eduardo com as falas do Djope. Como o timbre de voz e a personalidade dos dinossauros eram distintas, a gravação do programa exigia mudanças expressivas muito rápidas por parte dos locutores.

Essa questão foi um desafio, de início o Eduardo e o Samuel confundiam as vozes ou “saíam do personagem”, pois alternar entre tantos timbres em tão pouco tempo se mostrou complexo. Nesse momento, a participação dos bonecos entrou em cena, os três bichos de pelúcia foram para o estúdio e entraram na sala de gravação e, com o auxílio de uma estudante, os dinossauros iam se movimentando de acordo com suas falas, ao passo que o roteiro era lido. Esse trabalho auxiliou as crianças a manter o timbre da voz quando se tratava de um mesmo personagem, e, em momentos de mudança de voz, a fazer a transição entre os dinossauros de forma rápida, eficiente e natural.

⁶ Além das vozes dos garotos, o roteiro apresentou apenas uma fala da graduanda que interpretou a voz da mãe do Rex.

Figura 3 - Djope, Fofinho e Rex no estúdio



Fonte: Acervo do Projeto

Esses dois roteiros mostraram o poder que a imaginação, criatividade e os saberes do mundo infantil podem trazer e o quanto de conhecimento as crianças têm a oferecer. Em sua fala Spritzer (2014) reforça essa ideia:

Assim, a peça radiofônica tem se mostrado uma experiência pedagógica coletiva e criativa, que abre a atores e ouvintes a possibilidade da imaginação criadora e reinvenção da memória, conectando-se ao imaginário coletivo e à imaginação de cada um. Uma pedagogia da imaginação, construção de saberes que passam pela sensibilidade, pelas sensações, pelo corpo (Spritzer, 2014, p.93).

Estes trabalhos permitiram levantar reflexões relacionadas à escolha do repertório pelas crianças, verificando a forma como elas enxergam o mundo e como suas preferências e estilo próprio se manifestam.

Considerações Finais

É possível relacionar a experiência relatada no presente trabalho à compreensão de Lima e Pereira (2015) sobre a elaboração de programas de rádio. Os autores consideram este veículo de comunicação “como agenciador de relações, mediador de experiências significativas e como locus para processos de criação e de aprendizagem – não apenas para os ouvintes,

mas também para aqueles que estão envolvidos em sua produção” (Lima; Pereira, 2015, p.112), no caso, as crianças participantes.

Observamos ao longo do semestre o gradual interesse e envolvimento das crianças na elaboração dos programas, iniciando com a participação nas gravações das vinhetas de abertura e encerramento. Em seguida, apresentando sua opinião referente aos roteiros. Mais adiante, receberam o convite dos graduandos para ensaiar os roteiros, e participar das gravações das locuções dos programas. Ampliando ainda mais seu envolvimento no processo, puderam participar um programa no qual trouxeram suas escolhas musicais. Por fim, a participação deles culminou na autoria e gravação de seus próprios programas.

É importante destacar o quanto os resultados da participação das crianças foram significativos. A dedicação e empenho em ensaiar os textos fez com que entregassem um trabalho com qualidade que possibilitou sua veiculação na programação da rádio, rendendo muitos elogios dos professores, graduandos e da equipe da rádio.

Através da participação do Eduardo e do Samuel nas gravações dos programas foram levantadas reflexões relacionadas ao repertório das crianças e a influência que o ambiente social exerce sobre sua formação. Isso permitiu aos professores e estudantes verificar, em tempo real, como o enredo dos programas afeta as crianças.

Embora a infância seja um momento transitório e as crianças precisem de “cuidado” das gerações anteriores, ao mesmo tempo, são indivíduos que não devem ser vistos como incompletos, pois possuem seus saberes, senso estético e valores, não se tratando de um adulto por vir.

Por fim, este artigo trouxe apontamentos e reflexões que podem contribuir para o aperfeiçoamento da disciplina. Um deles seria abrir espaço para a participação infantil dentro do projeto, uma vez que isso proporcionou uma rica vivência criativa para as crianças participantes, bem como para as produções do Programa de Rádio Serelepe: música para infância.

Referências

BEINEKE, Viviane. Culturas infantis e produção de música para crianças: construindo possibilidades de diálogo. In: I CONGRESSO EM ESTUDOS DA CRIANÇA: INFÂNCIAS POSSÍVEIS, MUNDOS REAIS. Universidade do Minho, Portugal. 2008. p. 01-15.

CARVALHO, Anderson Carmo de; SOBREIRA, Silvia. A Concepção de infância na música infantil: Refletindo sobre as escolhas musicais de docentes. Cadernos para o professor, Juiz de Fora, Ano XXVII, nº39, p. 80-96, 2020.

CORSARO, Willian A. Sociologia da Infância. Tradução: Lia Gabriele Regius Reis. 2º ed. Porto Alegre: Editora: Artmed, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17º ed. Rio de Janeiro, Editora: Paz e Terra. 1987.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. Infância, sociedade e cultura. In: CARVALHO, Alysso; GUIMARÃES, Marília; Salles, Fátima. Desenvolvimento e Aprendizagem. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 13-29.

ILARI, Beatriz. Tirando a limpo algumas dúvidas sobre a audição de repertórios específicos. In: ILARI, Beatriz. Música na infância e na adolescência: um livro para pais, professores e aficionados. Curitiba: Ibpex, 2009. p.111 - 132.

LIMA, Cristiane da Silveira; et al. O Jogo Cênico-Musical do Serelepe – EBA/UFMG. In: MUNIZ, Mariana de Lima e; CRUVINEL, Thiago de Brito (orgs). Pedagogia das Artes Cênicas: Criança, Jogo e Formação. Curitiba: CRV, 2016, p.73-86.

LIMA, Cristiane da Silveira; PEREIRA, Eugênio Tadeu. Algumas notas sobre rádio, comunicação e educação: O programa Serelepe. Revista Mídia e Cotidiano. Niterói, 7 ed., p.112-125, Nov. 2015.

MADALOZZO, Tiago; MADALOZZO, Vivian Dell'Agnolo Barbosa. As culturas da infância na musicalização infantil: constelações em jogo. RELAdEI. Revista Latinoamericana de Educación Infantil, Brasil, v. 10, n. 1, p. 45-57, Out. 2021.

PEREIRA, Vinícius Carlos; BROOCK, Angelita. O Bebê, a música e a infância: a música no ambiente familiar. In: XXV CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, v.4, 2021. Anais.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade Social e Estudo da Infância. In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de; SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância (In)Visível. Araraquara: Junqueira & Marin Editores, 2007. p. 25-49.

SCHAFER, Murray. O Rinoceronte na sala de aula. In: O ouvido pensante. 2ºed. São Paulo: Editora Unesp, 1991. p. 276-306.

SPRITZER, Mirna. O exercício radiofônico como prática da palavra, da vocalidade e da escuta. *Urdimento: Revista de estudos em artes cênicas*, Porto Alegre, v.1, n.22, p.89-98, julho 2014.

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais - Rádio UFMG Educativa. Disponível em: < ufmg.br/radio >. Acesso em: 08 jul. 2024.